

Commodities em ascensão

por Suely Caldas

A expectativa de recessão que vive hoje o Ocidente e a alta da taxa de juros no mercado financeiro internacional terão influência em 1981 sobre o comércio de commodities. A mais recente presença desses fatos foi sentida fortemente no mercado de açúcar, cujas cotações caíram acentuadamente em dezembro, na Bolsa de Londres, a partir das elevadas taxas de juros que atraíram os investidores ao mercado financeiro. E o ouro, que chegou a US\$ 900,00 a onça em meados do ano passado, está agora cotado um pouco acima de US\$ 400,00 a onça.

Trata-se de fatos que em geral influenciam o mercado de commodities, porque os investidores internacionais tendem a aplicar seus recursos no mercado financeiro, que apresenta momentaneamente rendimentos mais vantajosos. Os especialistas, porém, acreditam na tendência a médio prazo de haver uma lenta redução nos rendimentos obtidos com aplicações financeiras, cedendo lugar, também lentamente, aos negócios com commodities. Um indício dessa expectativa está nos contratos de dinheiro para liquidação futura, que atualmente registram taxas ligeiramente inferiores às dos contratos para liquidação imediata.

Mas a valorização do mercado de dinheiro exerce também outro tipo de influência desvantajosa sobre os negócios com as commodities agrícolas: os consumidores de café, açúcar, soja, milho e outros preferem adquirir pequenos volumes, evitando a formação de estoques, cuja manutenção é majorada com o alto custo do dinheiro. A influência do mercado financeiro em 1981 será mais ou menos danosa, dependendo do equilíbrio entre procura e oferta das diversas commodities. As perspectivas para o café e o cacau, por exemplo, produtos que enfrentam problemas de superprodução, não são otimistas, ao contrário do milho, soja, sorgo, cevada e outros produtos agrícolas que passaram por quebras de safra com a forte seca que ocorreu nos Estados Unidos no ano passado. Isso, além do açúcar, que há dois anos tem sua produção mundial situada abaixo das necessidades de consumo.

A safra norte-americana de soja foi reduzida em cerca de 12 milhões de toneladas, queda quase equivalente à produção brasileira, que é de 15 milhões de toneladas. Com isso, subiram as cotações do grão e dos derivados farelo e óleo, beneficiando as vendas brasileiras em 1980, que se acabaram concentrando a partir de setembro/outubro. Ao adotar um sistema de ex-

portação condicionado ao abastecimento interno, o governo acabou retraindo as vendas até essa época.

As perspectivas do mercado são de manutenção de bons preços, pelo menos até o início da comercialização da nova safra norte-americana, que começa a ser colhida em agosto.

A quebra da safra norte-americana de milho foi ainda pior que a de soja. A redução foi de cerca de 30 milhões de toneladas e os preços logo refletiram uma situação de escassez no mercado mundial de milho, passando as cotações de US\$ 110/tonelada antes da seca para os atuais US\$ 150/tonelada. Esse, porém, é um produto que há alguns anos não vem trazendo rendimento, mas evasão de divisas para o Brasil. Em 1980, importamos milho e em 1981 é bastante provável que esse fato se repita, já que a safra vem sendo estimada em 20 milhões de toneladas para um consumo avaliado em 22 milhões de toneladas. Entre especialistas de commodities há expectativa de que os Estados Unidos ampliem mais a área de plantio com milho, em detrimento da soja, não só porque o milho é hoje um

produto mais procurado mas também porque seu preço está melhor comparativamente a seu custo de produção.

Outra matéria-prima ~~que o Brasil deve importar~~ de importações do Brasil é o trigo, cujas perspectivas de preço são boas para quem vende e péssimas para quem compra. O Brasil deve consumir em 1981 cerca de 7 milhões de toneladas de trigo, das quais vai importar 4 milhões, com gastos de divisas estimados em US\$ 900 milhões. Atualmente, o preço no exterior está em torno de US\$ 180/tonelada, bem acima dos níveis vigentes no início do ano passado.

Mas se o trigo e o milho trazem despesas para o País, o açúcar vem sendo precocemente festejado como "uma nova blue-chip do mercado internacional de commodities", como classificou recentemente o vice-presidente da Interbrás, Sérgio Barcellos. De fato, é esperado um déficit de produção em 1981 entre 4 e 5 milhões de toneladas, configurando uma disponibilidade escassa do produto e garantindo preços firmes no decorrer do ano. O presidente do Instituto do Açúcar e do Alcool, Hugo de Almei-

da, estima que os preços variem, em 1981, entre US\$ 850 e US\$ 950/tonelada.

O quadro para café e cacau já é bem diferente. O Brasil deve produzir este ano uma safra de café estimada em 29 milhões de sacas, colocando no mercado internacional 17 milhões de sacas. O acordo internacional do produto fixou parâmetros de preços mínimos e máximos, o que garante a estabilidade das cotações, mas em níveis baixos em comparação com os últimos quatro anos. Para o cacau, a situação é pior porque o acordo internacional não recebeu a adesão de importantes países produtores como Costa do Marfim, Togo e Gabão, além dos Estados Unidos como consumidor. Com isso, o convênio não está sendo respeitado e as cotações estão em US\$ 0,93/libra-peso, quando o piso fixado foi de US\$ 1,00/libra-peso. Os estoques mundiais estão atualmente em torno de 600 mil toneladas e a expectativa é de o ano de 1982 iniciar-se com um "carry-over" de 700 mil toneladas, metade do consumo mundial, o que joga para longe qualquer perspectiva de recuperação nos preços.